



Por que a história e a geografia do antigo Oriente Próximo são úteis para a compreensão de Isaías?

“Mas eis que eu, Néfi, não ensinei meus filhos à maneira dos judeus; mas eis que eu próprio residi em Jerusalém; conheço, portanto, as regiões circunvizinhas; e fiz menção a meus filhos dos juízos de Deus que se deram entre os judeus, de acordo com tudo o que disse Isaías; e eu não os escrevo.”

2 Néfi 25:6

O conhecimento

O profeta Néfi afirmou que em uma longa porção de 2 Néfi, ele escreveria “mais das palavras de Isaías, porque minha alma se deleita em suas palavras” (2 Néfi 11:2). Depois de um trecho de treze capítulos de Isaías 2-14, Néfi também informou a seus leitores que “eis que Isaías disse muitas coisas que, para muitos de meu povo, eram de difícil compreensão; porque não conhecem o modo de profetizar dos judeus” (2 Néfi 25:1). Outro obstáculo que impediu muitos nefitas de entender Isaías foi o conhecimento da geografia do antigo Oriente Próximo. Néfi foi capaz de explicar Isaías a seu povo, já que ele diz que sabia a respeito das “regiões circunvizinhas; e [fez] menção a [seus]

filhos dos juízos de Deus” (2 Néfi 25:6). Como John Hilton III observou, “das palavras de Néfi, fica claro que uma compreensão tanto das ‘regiões circunvizinhas’ [geografia] quanto dos ‘juízos de Deus’ [possivelmente uma referência à história contemporânea] é essencial para uma compreensão de Isaías”. Além disso, como Donald W. Parry observa, “entender os aspectos dos nomes de lugares pode explicar o significado subjacente ao uso do nome por Isaías. Em certos casos, quando Isaías se refere a um nome de lugar, ele faz referência clara a essa cidade, território ou país; em outros momentos, Isaías atribui um significado simbólico ao nome do lugar”.

Na verdade, muitas das passagens de Isaías citadas por Néfi descrevem Israel em estreito relacionamento com seus vizinhos, incluindo Síria, Assíria e Babilônia. Portanto, para apreciar essas profecias de 700 a.C., é útil observar como eles falam de lugares e nações do antigo Oriente Próximo.

Canção da Vinha de Isaías

Por exemplo, muitas das passagens de Isaías citadas por Néfi tratam amplamente das punições do Reino do Norte de Israel. Uma dessas profecias é magistralmente relatada por meio do “cântico do meu amado a respeito da sua vinha” (2 Néfi 15:1; Isaías 5:1). Esta profecia, como todos os escritos de Isaías, é escrita em forma poética, empregando paralelismo, simbolismo e outras características hebraicas importantes que ajudam os leitores a entender o que está acontecendo no texto.

Neste cântico, Israel é descrito como “uma vinha num outeiro muito fértil”, que o Senhor tomou grandes medidas para proteger: “E cercou-a e limpou-a das pedras e nela plantou excelente videira; e edificou no meio dela uma torre e também construiu nela um lagar” (2 Néfi 15:1-2). Em outras palavras, Israel recebeu a terra prometida, desfrutou da proteção do Senhor e era um povo do convênio sob Seus cuidados; no entanto, eles não cumpriram esse convênio, pois quando o Senhor “esperava que desse uvas, mas deu uvas bravas” (2 Néfi 15:2).

Como Israel havia pecado e se tornado corrupto, o Senhor então prometeu derrubar os muros da vinha, isto é, retiraria a proteção de Seu povo. Outros julgamentos proféticos contra Israel se concentram no pecado do orgulho por exemplo, aqueles que procuravam enriquecer à custa dos pobres seriam empobrecidos, e os arrogantes seriam humilhados quando essas coisas caíssem sobre eles (2 Néfi 15:8-10, 15). Outros ainda descrevem explicitamente as punições que recairiam sobre homens e mulheres que se concentravam demais nas coisas mundanas e não se importavam com os pobres (ver 2 Néfi 13).

Invasão assíria

A maior ameaça aos Reinos do Norte e do Sul no tempo de Isaías era o Império Neoassírio em constante expansão. Este império logo se tornaria o

maior que o mundo já tinha visto, e a crueldade dos assírios era bem conhecida entre todas as antigas culturas do Oriente Próximo.

De acordo com Isaías, a Assíria, que dominava todas as fronteiras do norte de Israel, seria usada como uma ferramenta nas mãos do Senhor para punir Israel. Como Deus já havia retirado Sua proteção do Reino do Norte por causa de sua infidelidade ao convênio, os exércitos assírios viriam como leões e um redemoinho para capturar Israel (2 Néfi 15:26-30). Além disso, em uma extensa profecia contra Israel, o Senhor prometeu que a destruição seria tão completa que eles não poderiam reconstruir (2 Néfi 19:8-20:11). Finalmente, essas profecias seriam cumpridas em 722 a.C., quando a Assíria dispersou as dez tribos e repovoou as terras do Reino do Norte de Israel.

Conflito Siro-Efraimita

Outro evento importante por trás de dois dos capítulos citados por Néfi, é o conflito Siro-Efraimita entre 735 e 732 a.C. Temendo o crescente poder da Assíria, os pequenos países da Síria e do Reino do Norte de Israel fizeram uma aliança [ou coligação] para que pudessem tentar empurrar os assírios de volta para o nordeste, quando inevitavelmente se expandiriam para a Síria e Efraim a oeste e sul.

A Síria estava a nordeste de Judá e, mesmo com a ajuda de Israel, a Síria não tinha as tropas necessárias para impedir uma invasão assíria. Portanto, Israel e Síria queriam que o reino de Judá se juntasse à sua coalizão. Quando Acáz, rei de Judá, recusou: “Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias, rei de Israel, subiram a Jerusalém para pelear contra ela, mas não puderam prevalecer contra ela” (2 Néfi 17:1). Ao fazer isso, Rezim e Peca queriam substituir Acáz por um rei fantoche, “o filho de Tabeal”, que se juntaria a eles em sua guerra contra a Assíria (2 Néfi 17:6). Obviamente, esses dois exércitos que atacaram a fronteira norte de Judá e capturaram muitas cidades judaicas teriam sido uma grande preocupação para Acáz.

Ao longo de 2 Néfi 17 e 18 (Isaías 7 e 8), Isaías reafirma a Acáz que a confederação Siro-Efraimita fracassaria, e Isaías forneceu três sinais pelos quais Acáz saberia que o Senhor libertaria Judá, derrotaria o exército sírio e efraimita e estabeleceria o Messias por meio da linhagem de Davi, como havia prometido

anteriormente. No entanto, ainda duvidando que o Senhor defenderia Israel, Acáz apelou à Assíria por ajuda para derrotar os dois invasores do norte. Isso encerrou a guerra em 732 a.C. mas, em resumo, fez de Judá um reino vassalo do Império Assírio. Isso traria resultados desastrosos durante o reinado de Ezequias, filho de Acáz, assim como Isaías havia profetizado (2 Néfi 17:17-19).

Destruição da Assíria

Embora a Assíria tivesse sido a ferramenta, até este ponto, pela qual o Senhor puniria o Reino do Norte de Israel, Isaías também deixa claro que a Assíria não era de forma alguma justa aos olhos de Deus. Na verdade, a Assíria é descrita como tão orgulhosa quanto Israel, e eles também seriam punidos por seu orgulho (ver 2 Néfi 20:12-34; 24:24-27). Por que essa punição vem muito mais tarde do que a de Israel pode ser melhor explicada pela natureza das profecias contra nações estrangeiras em Isaías. Como David Rolph Seely aponta, essas profecias — que começam com o oráculo contra a Assíria — provam não apenas que o Senhor está acima de todas as nações da terra, mas também que Ele punirá justamente todos os Seus filhos. Visto que Israel conhecia o Senhor e era o povo do convênio, “Israel é responsável pelos mandamentos mais específicos contidos no convênio”. O Senhor continuaria a punir a Assíria por seu orgulho, mas a puniria apenas de acordo com o conhecimento que tinha.

Essa destruição finalmente viria em 612 a.C. nas mãos do Império Babilônico — uma nação ao sul da Assíria e a leste de Judá — que tomou posse de muitas das terras anteriormente mantidas pela Assíria. Isso incluiu o Reino de Judá, que lutou contra a Babilônia pouco antes da abertura do Livro de Mórmon.

Destruição da Babilônia

A Babilônia seria a nação responsável por dispersar o Reino do Sul de Judá como punição divina por seu orgulho, assim como a Assíria havia dispersado o Reino do Norte. No entanto, muitas das profecias de Isaías sobre o Império Babilônico, que ainda estava sob controle assírio na época em que Isaías profetizou, também advertem que, por causa de seu orgulho, Babilônia seria entregue aos medos (ver 2 Néfi 23:17). Os medos, localizados ainda mais a leste da

Babilônia, seriam um dos povos fundadores do Império Persa, que destruiria o Império Neobabilônico em 539 a.C., permitindo que os israelitas retornassem à sua terra natal, conforme descrito nos livros de Esdras e Neemias.

O porquê

Grande parte do contexto histórico por trás dessas profecias, a princípio, pode parecer um pouco sombrio, pois elas conquistam e são conquistadas por exércitos do norte que atacam Israel e o império do mundo. No entanto, ao longo dessas passagens, Isaías também profetizou coisas maravilhosas que teriam feito com que Néfi e seu público se regozijassem no Senhor.

Por exemplo, enquanto repetidos oráculos são oferecidos sobre a dispersão de Israel, eles também são frequentemente seguidos por profecias sobre a coligação de Israel. Na verdade, as bênçãos prometidas de uma restauração são aplicáveis não apenas a Israel, mas a todas as nações. Como Seely observou: “O Senhor julga não apenas toda a terra, mas também a restauração. O Senhor ama e se lembra de todos os seus filhos.” Isso leva a muitas profecias de todos os filhos de Deus aceitando o evangelho e servindo a Ele. Por exemplo, Isaías viu que “o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes e se exaltar acima dos outeiros”, então “concorrerem a ele todas as nações. E irão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor” (2 Néfi 12:2-3; itálico adicionado). Essas condições dariam início a uma paz milenar em todo o mundo (ver 2 Néfi 21:1-9).

Além disso, a Israel é prometido que mais uma vez desfrutará da presença do Senhor. Depois de terem sido lavados de seus pecados, “E criará o Senhor, sobre toda a habitação do monte Sião e sobre as suas congregações, uma nuvem e uma fumaça de dia e o resplendor de um fogo flamejante à noite”, assim como fez quando Israel viajou pelo deserto (2 Néfi 14:5). As profecias adicionais da coligação de Israel também são encontradas em estreita conexão com as profecias da dispersão, informando assim a Israel que o fim de sua história sempre deveria ser de glória, honra, arrependimento e renovação das bênçãos do convênio que receberam.

Verdades doutrinárias adicionais encontradas ao longo dessas profecias também são repetidas várias vezes ao longo do Livro de Mórmon. Por exemplo, o padrão de Israel e Judá sendo dispersos por outras nações iníquas seria repetido ao longo da história nefita. Em última análise, Mórmon descreveria isso sucintamente: “Os julgamentos de Deus alcançarão os iníquos; e é pelos iníquos que são os iníquos punidos; porque são os iníquos que incitam o coração dos filhos dos homens ao derramamento de sangue” (Mórmon 4:5; *italico adicionado*). Assim, as profecias de Isaías mostraram aos nefitas desde o início os mesmos tipos de punições que poderiam ter se quebrassem seus convênios.

Além disso, em todas as profecias de destruição, o orgulho é o pecado subjacente que levou às destruições preditas. Como tal, não é de admirar que os profetas nefitas alertassem continuamente o povo contra o orgulho, nem deveria ser surpreendente que Isaías fosse um dos livros das Escrituras que usariam para fazê-lo.

Em última análise, o livro de Isaías influenciou as opiniões dos profetas nefitas sobre a restauração de Israel e as bênçãos prometidas nos últimos dias. Embora Isaías tenha profetizado de maneiras que seriam benéficas para seu próprio público imediato, ele foi capaz de usar eventos históricos para compartilhar uma visão do futuro Dia do Senhor, inspirando os leitores nos séculos vindouros.

Leitura complementar

Donald W. Parry, *Search Diligently the Words of Isaiah* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2023).

John Hilton III, “The Isaiah Map: An Approach to Teaching Isaiah”, *Religious Educator* 21, no. 1 (2020): pp. 55–73.

Donald W. Parry e John W. Welch, eds., *Isaiah in the Book of Mormon* (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 1998).

David Rolph Seely, “Nephi’s Use of Isaiah 2–14 in 2 Nephi 12–30”, em *Isaiah in the Book of Mormon* (Provo, UT: FARMS, 1998), pp. 151–169.

John W. Welch, David Rolph Seely e Jo Ann H. Seely, eds., *Glimpses of Lehi’s Jerusalem* (Provo, UT: FARMS, 2004), pp. 543–610.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

1. John Hilton III, “The Isaiah Map: An Approach to Teaching Isaiah”, *Religious Educator* 21, no. 1 (2020): p. 59.
2. Para saber por que Néfi menciona o conhecimento da geografia do antigo Oriente Próximo como uma chave para entender Isaías, ver Donald W. Parry, “Nephi’s Keys to Understanding Isaiah (2 Nephi 25:1-8)”, em *Isaiah in the Book of Mormon* (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1998), pp. 58–61; citado nas pp. 58, 60.
3. Uma excelente introdução ao profeta e ao livro de Isaías também pode ser encontrada em Donald W. Parry, *Search Diligently the Words of Isaiah* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2023). Também pode ser encontrada uma tradução de Isaías orientada para os Santos dos Últimos dias que pode ajudar a esclarecer muitas passagens de Isaías em Donald W. Parry, *The Book of Isaiah: A New Translation (Preliminary Edition)* (Springville, UT: Book of Mormon Central, 2022).
4. Para obter mais informações, consulte David Rolph Seely, “Nephi’s Use of Isaiah 2–14 in 2 Nephi 12–30”, em *Isaiah in the Book of Mormon* pp. 151–169.
5. Para uma breve introdução à história dos impérios assírio e neoassírio, ver A. Kirk Grayson, “History and Culture of Assyria”, em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman et al., 6 v. (Nova York, NY: Doubleday, 1992), 4: pp. 732–755.
6. Ver 2 Néfi 17:1, 14; 18:1–4.
7. Isso aconteceria quando a Assíria invadissem Judá, conforme descrito em 2 Reis 18–19. No entanto, como Isaías profetizou, embora a campanha assíria chegasse a Jerusalém e Senaqueribe sitiasse a cidade, o Senhor libertaria Jerusalém e o Reino de Judá da Assíria, fazendo com que os assírios abandonassem Judá.
8. David Rolph Seely, “The Lord Is Our Judge and King” (Isaiah 18–33), em *Studies in Scripture*, v. 4, 1 Kings to Malachi, ed. Kent P. Jackson (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1993), p. 112.
9. Seely, “The Lord Is Our Judge and King”, p. 112.
10. Ver, por exemplo, 2 Néfi 20:20–23; 21:10–22:6; 23:22–24:3.
11. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Como Néfi usou Isaías para nos ensinar a evitar o orgulho? (2 Néfi 15:21; Isaías 5:21)”, *KnoWhy* 48 (1º de março de 2017); Central do Livro de Mórmon, “Por que o “Ciclo do Orgulho” destruiu a nação Nefita? (3 Néfi 6:10)”, *KnoWhy* 195 (31 de agosto de 2017) Central do Livro de Mórmon, “Por que Morôni falou em abater o orgulho? (Alma 51:17)”, *KnoWhy* 430 (20 de setembro de 2018) sobre o orgulho no Livro de Mórmon.